

ENTRELACES ARTESANAIS:
A TÉCNICA DA “PALHINHA” [REJILLA] NO MOBILIÁRIO¹
HANDMADE INTERLACES: THE “STRAW” [REJILLA] TECHNIQUE IN FURNITURE

Cecília Mónica dos Santos Cardoso*
Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Resumo

O empalhador e a empalhadeira são os artesãos que executam a técnica de empalhear em palha da Índia, no mobiliário. No concelho de Gondomar, este ofício era desempenhado por mulheres e raparigas adolescentes em contexto doméstico e familiar. Apesar da profusa implementação desta técnica no mobiliário dos séculos XVII ao XX, e do seu amplo desenvolvimento em Gondomar no século XX, o empalhamento artesanal tende a ser atualmente preterido a favor de processos mais industrializados. Por esta razão, esta arte carece de estudos aprofundados sobre a sua execução, morfologia e utensílios. Com este estudo pretendemos partilhar uma prática artesanal em risco de se perder neste concelho dos arredores do Porto (Portugal), dar a conhecer às gerações mais jovens um ofício que envolveu, em tempos, muita mão-de-obra e aproximar os gdomarenses e o público em geral do património industrial relacionado com a produção de mobiliário.

Palavras-chave: Gondomar, mobiliário, técnica de palhinha, empalhear, empalhadeira, séculos XX-XXI

Abstract

The stackers are the artisans who execute the Indian straw stuffing technique on furniture. In the municipality of Gondomar, this profession was performed by women and adolescent girls in a domestic and familiar context. Despite the profuse implementation of this technique in furniture from the 17th to the 20th centuries, and its extensive development in Gondomar in the 20th century, artisanal stuffing tends to be currently neglected in favor of more industrialized processes. For this reason, this art lacks in-depth studies on its execution, morphology and knowledge. With this study we intend to share an artisanal practice that is at risk of getting lost in this municipality on the outskirts of Porto (Portugal), making known to younger generations a craft that once involved a lot of labor and bringing together Gondomarenses and the general public of industrial heritage related to the production to furniture.

Keywords: Gondomar, furniture, straw technique, sttufing, straw officer, 20th-21st century

1. Introdução

O presente estudo é dedicado à técnica da palhinha desenvolvida no concelho de Gondomar (território limítrofe da cidade do Porto), incidindo particularmente no trabalho feminino de carácter artesanal e familiar, que se manteve ativo e próspero na localidade durante o século XX.

Para o avanço desta investigação contribuíram três fatores fundamentais: o crescente interesse do Município de Gondomar, em particular dos Pelouros do Turismo e da Cultura, na reanimação desta atividade; a ausência de estudos relativos à produção de mobiliário no concelho, em tempos uma das mais importantes atividades económicas do território; o interesse pessoal pela indústria do mobiliário.

Esta investigação², embora se trate de um ensaio sobre um tema que conhecerá novos avanços num futuro próximo, assenta, em particular, nas entrevistas realizadas às irmãs gondomarenses Maria Isabel Santos e Etelvina Castro, e ao resultado da observação do trabalho desenvolvido pelas mesmas nas suas próprias habitações.

Na concretização deste estudo deparamo-nos com vários desafios, a começar pela ausência de estudos relativos à técnica da “palhinha”, a nível nacional e internacional. Apesar da existência de bibliografia que alude para o implemento da palhinha no mobiliário, sendo por isso, possível constatar a sua permanência ao longo dos séculos, o facto é que são inexistentes os estudos referentes à contextualização histórica do “saber fazer” desta técnica e a bibliografia existente encontra-se dispersa e em diferentes idiomas, que, no presente, continua a ser recolhida e analisada. A nível local a dificuldade mantém-se uma vez que as fontes, alusivas aos artesãos gondomarenses, além de raras estão dispersas. A par destas dificuldades, o confinamento gerado pela pandemia Covid-19 restringiu este estudo na medida em que apenas foi possível analisar a informação disponível em linha e conversar com as duas artesãs empalhadeiras mais jovens que, sensibilizadas com o estudo, disponibilizaram-se em nos receber sem descuidar as medidas de segurança impostas. Por último, através deste estudo, pretendemos sensibilizar a comunidade local e académica para um ofício em risco de extinção.

2. Enquadramento histórico: a palhinha no mobiliário

O conhecimento sobre a inclusão de fibras vegetais no mobiliário remonta à civilização egípcia, nomeadamente em cadeiras decoradas com materiais ricos e diversificados³. As tipologias mais antigas correspondem aos bancos ou tamboretas desmontáveis que dispunham de um suporte em “X”. Os assentos destes bancos podiam ser em madeira, couro ou entrançados de junco. Aos leitos também foram aplicadas as fibras, uma vez que, segundo Fátima Martini, sobre o estrado eram colocadas duas ripas curvadas que reforçavam a estrutura da cama e apoiavam o trançado de fibra natural⁴.

Apesar da precoce inclusão das fibras vegetais no mobiliário, foi durante o reinado de Carlos II de Inglaterra (1630-1685) que a técnica de empalhear, aplicada ao mobiliário, alcançou popularidade no Ocidente, devido às trocas

comerciais com a Índia⁵. Contudo, as cadeiras indo-portuguesas já se encontravam em evolução e eram enviadas, particularmente de Portugal, para a Índia. Só posteriormente, no século XVII, o mobiliário holandês, inglês e francês começou a chegar à Índia, cada vez em maior número, e usados quer pelos naturais desses países que ali se fixaram, quer pelos locais europeizados, sobretudo os que se converteram ao Cristianismo⁶. No fim do século XVII ou no início do século XVIII são copiados os modelos proto-barrocos, especialmente holandeses. Em Portugal, nesta tipologia, eram frequentes as cadeiras com o assento e as costas em couro ou cabedal com chumação. Porém, o clima indiano, mais quente, favorecia o uso do entrançado de fibras naturais, pois permitia um melhor arejamento do corpo⁷.

Regressando ao panorama inglês, a ideia de produzir cadeiras com assento de palha na Inglaterra terá surgido a partir de uma cadeira de ébano indo-portuguesa, datada dos finais do século XVI e início do XVII. Esta cadeira⁸, de fabrico indiano, é decorada com motivos orientais em baixo relevo, possui elementos torneados e continua, originalmente, o assento em palhinha⁹ que foi posteriormente substituído por couro. A importância desta peça é relevante, uma vez que foi oferecida pelo monarca Carlos II de Inglaterra a Elias Ashmole¹⁰. Segundo Robert Symonds, esta cadeira de origem indiana e talvez a primeira a entrar em Inglaterra, juntamente com os “armários indianos” destinados à rainha, terá sido muito provavelmente importada de Portugal, o primeiro país europeu a ter contato comercial com o território indiano.

Ao contrário da cadeira indo-portuguesa, os primeiros exemplares da produção inglesa de cadeiras com palhinha não exibiam talha, a armação era torneada, o espaldar era quadrado e côncavo, os braços eram planos e a trama em palha no assento e no espaldar era muito grosseira¹¹. A aquisição foi crescendo em grupos de seis cadeiras ou uma cadeira e duas poltronas, conjuntos considerados mais adequados para a sala de jantar, não só pelo baixo custo e pelo conforto – principalmente quando dispunham de uma almofada sobre o assento -, mas também porque eram decorativos e modernos. O grande incêndio que assolou Londres, em 1666, provocou uma grande escassez de mobiliário, contribuindo para o aumento da procura destas cadeiras, mais baratas e com um modelo mais simples. Porém, pouco tempo depois desta catástrofe, as cadeiras empalheiradas começaram a adquirir novos modelos com uma qualidade aprimorada e com elementos decorativos mais elaborados. Um elevado número de cadeiras estufadas em palhinha entrou nas residências oficiais do rei, maioritariamente localizadas nos alojamentos dos funcionários, assim como nos navios, no guarda-roupa e nas tendas reais¹². Mais tarde, nos reinados de Guilherme III (1650-1702) e da rainha Ana (1665-1714), as cadeiras com palhinha foram inseridas nos aposentos reais, sem substituir, no entanto, as cadeiras e os sofás estufados em seda e veludo¹³.

Dado que as cadeiras empalheiradas requeriam uma ampla divisão de trabalho, a sua produção estava centralizada em Londres. Na realidade, o fabrico destas cadeiras correspondia mais a uma indústria do que a uma atividade artesanal¹⁴. Em 1682, o número de produtores das cadeiras empalheiradas era suficientemente numeroso e próspero para obter o licenciamento do ofício. Porém, a possibilidade de conseguir o reconhecimento dos estatutos era muito escassa,

pelo que decidiram unir esforços com os trabalhadores de cestos de palha, que já lutavam pelo reconhecimento da atividade desde 1664¹⁵. Com o tempo, as cadeiras empalheiradas tornaram-se numa das peças de mobiliário mais populares do mercado, constando nas casas de ricos e pobres. Consequentemente, a produção de cadeiras estofadas a tecido decaiu consideravelmente. Como resposta, os fabricantes de lã que forneciam a matéria-prima aos estofadores fizeram uma petição, em 1680, exigindo a extinção do fabrico das cadeiras empalheiradas. O pedido, não sendo razoável, foi rejeitado.

Alguns anos mais tarde, no contexto de um projeto de incentivo à manufatura de lã, foi novamente proposta uma medida para proibir “o fabrico e venda de cadeiras, banquetas e sofás de palha no futuro”¹⁶. Em sua defesa, os produtores do mobiliário empalheirado enunciaram dois motivos que seriam bastante prejudiciais para a economia inglesa no caso de ser levada adiante a proibição da palhinha. Primeiro, os móveis empalheirados eram os mais adequados para o clima quente das nações vizinhas e, juntamente com este mobiliário, eram enviadas cadeiras estofadas para venda. Assim, caso a proibição se cumprisse, outros países iriam produzir e fornecer o mobiliário empalheirado entre si e à Inglaterra. Segundo, a grande maioria dos residentes da cidade de Londres eram prestadores de serviços para a produção do mobiliário empalheirado - serrear, tornejar, entalhar, montar as estruturas, separar as palhinhas, forrar com o empalhamento. Desta forma, vários artesãos ficariam sem trabalho, incluindo os torneiros e entalhadores que investiram sete anos nesta aprendizagem. Por fim, os torneiros e os entalhadores seriam os maiores prejudicados. O projeto da manufatura de lã, a ser aprovado, seria muito prejudicial para estes artesãos, assim como para todos aqueles que despendiam grandes quantias no aluguer dos seus estabelecimentos. Em 1688, a lei das Manufaturas de Lã foi promulgada, mas não continha nenhuma cláusula para a proibição da produção das cadeiras empalheiradas. As tentativas de proibir a produção das cadeiras empalheiradas foram recorrentes até 1695, com o Projeto de Lei Woolen, mas mais uma vez o resultado foi favorável aos produtores de mobiliário empalheirado.

Apesar da procura, na primeira metade do século XVIII, a produção de mobiliário empalheirado diminuiu consideravelmente em Inglaterra. Assim o comprova a publicação de 1747 de “A General Description of all Trade”¹⁷, ao indicar que os fabricantes de cadeiras empalheiradas não só produziam estas cadeiras (quase fora de uso) como também as cadeiras com assento de couro entrelaçado, das quais existia uma grande variedade de entrelaçados, acabamentos e preços¹⁸. Para além da atualização relativa ao ofício da produção das cadeiras, esta publicação elucida para o número considerável de negociantes – também fabricantes e lojistas –, trabalhadores e aprendizes, bem como a carga horária e a quantia semanal dos trabalhadores.

Relativamente aos restantes países da Europa e das Américas, a produção e exportação do mobiliário empalheirado ocorreram em momentos distintos. Em território francês, a primeira referência a uma peça de mobiliário com o implemento em palhinha foi encontrada no inventário de Claude Millet, de 1587, onde numa das inscrições consta a descrição de “uma cadeira pequena de palha”¹⁹. A origem do fabrico desta cadeira é desconhecida, mas como o proprietário era de origem italiana cogitaram que, esta e as demais cadeiras

da sua residência, eram uma importação do seu país²⁰. A contínua preferência pelas cadeiras, poltronas e sofás estofados permaneceu até ao momento em que as cadeiras com palhinha, graças à sua leveza, aos poucos, adentraram nos interiores mais distintos. Assim o demonstra o inventário de móveis da coroa, de 1673, onde foram mencionadas “seis pequenas cadeiras de palha à maneira *verny* da china”²¹. Mais tarde, após a morte de Luís XIV e com a proclamação da Regência, rapidamente as cadeiras com os assentos em palhinha tornaram-se populares nos salões mais aristocráticos²². Segundo Henry Havard, em 1723, os assentos ornamentados em palhinha, como as cadeiras, poltronas, banquetas, sofás, entre outros, já eram um artigo de importação para a França, mas para Henri Clouzot a grande tendência do mobiliário empalheirado na França ocorreu a partir de 1735 ou 1740²³. Por fim, no “*Dictionnaire du Commerce*”, publicado em 1789, é referido que o mobiliário empalheirado já era amplamente utilizado e comercializado na Inglaterra, Holanda e França²⁴. Depreendemos, por isso, que o início da produção do mobiliário empalheirado em França ocorreu depois de 1723. A partir do momento que a produção cresceu, foi formado um ramo do comércio suficientemente grande para abastecer esta indústria especial²⁵. Dado que a cadeira com assento em palhinha não exigia uns pés de cadeira robustos, estes começaram a ser desenvolvidos ao torno, operação esta que simplificava o trabalho. Por este motivo, os torneiros eram os artesãos responsáveis pela produção e venda das cadeiras estufadas em palhinha – concentrando-se nas ruas *Grenier-Saint-Lazare* e na *Neuve-Saint-Médéric*²⁶ –, enquanto os marceneiros estavam encarregues pela produção e venda das cadeiras comuns²⁷. Apesar da produção e venda estar sob a alçada dos torneiros, segundo Clouzot, a arte de estofar as guarnições das cadeiras empalheiradas competia aos *canneurs*²⁸ – “caneladores”.

Relativamente às colónias, nos primeiros vinte anos do século XVIII, as cadeiras empalheiradas, em moda entre os colonos, proporcionaram a produção e a exportação de Inglaterra para as Colónias da América²⁹. Apesar deste crescente interesse pelas cadeiras empalheiradas, existe a dúvida se as armações, elaboradamente entalhadas, tiveram igualmente a mesma procura, uma vez que o colono tinha preferência por uma mobília “bonita, limpa, mas barata”³⁰. A Inglaterra, para além de exportar para as colónias, também exportava neste século para Itália, Espanha, Portugal e França.

Em Portugal, segundo Maria Adelina Valente, na segunda metade do século XVIII, os estrangeiros e alguns nacionais trabalhavam em ofícios novos que atendiam à procura que as oficinas tradicionais não satisfaziam. Entre eles destacamos o de “palheiroiro” que desenvolvia o seu negócio a trabalhar a “palhinha, por modo de rótula” – modo de tecer a palhinha, cuja aparência era semelhante “às gelosias para tapar as janelas”³¹ - e “palha tábua” – “tábua” é a “planta, que dá umas folhas compridas e estreitas” e com estas se faziam as “esteiras, cadeiras”³². Em Lisboa, a atividade de empalheirar não era autónoma e, por este motivo, os “palheiroiros” exerciam a técnica em diversas oficinas de marcenaria. No século XIX, segundo o “*Inquérito Industrial de 1881*”, na cidade do Porto existiam cinco oficinas de palhinha, sessenta oficiais ativos, sendo que 15 eram mulheres, e nenhum aprendiz estava ao serviço dos oficiais. Mais informa que o salário do “palhinha” ou “palheiroiro” era de 200 a 400 réis³³. Através

deste inquérito é possível atestar que a técnica da palhinha era exercida no Porto no século XIX e que o trabalho era desempenhado por funcionários masculinos e femininos, ao contrário da realidade em Gondomar no início do século XX.

3. A empalhadeira em Gondomar (século XX e XXI)

Embora Gondomar tenha sido, ao longo dos tempos, um concelho maioritariamente agrícola, a partir da segunda metade do século XIX e ao longo do século XX conheceu um desenvolvimento industrial significativo, destacando-se as indústrias de mineração e exploração do carvão, em São Pedro da Cova, e as de fundição, ourivesaria e transformação das madeiras, em particular a produção de mobiliário. Dada a magnitude na produção de mobiliário, para além dos ofícios principais - entre os quais se avolumavam os serviços de carpinteiros, marceneiros, entalhadores e torneiros-, a grande procura estimulou o recurso a outros artesãos singulares, como as empalhadeiras³⁴ que executavam a técnica de empalheirar. De facto, as mulheres gondomarenses deram um contributo preponderante para o desenvolvimento industrial do concelho. É difícil, porém, demonstrar essa realidade, uma vez que este trabalho feminino, que decorria em contexto doméstico, é registado na documentação como “governo de sua casa”, “diretora de sua casa” ou “doméstica”. É nestes enquadramentos abrangentes que estão inseridas as empalhadeiras e é seguramente por esta razão que, até ao momento, apenas foram encontrados dois registos de batismo, dois de casamento e um de óbito com a indicação específica do ofício. Ambos os registos de batismo, 1907³⁵ e 1909³⁶, assim como o registo de óbito, 1908³⁷, correspondem à progenitora “Maria Teixeira, palhinha, (...) residente no Monte”. Já os registos de casamento correspondem a duas artesãs diferenciadas: o primeiro é datado de 1900 e nele é indicado que a noiva, Teresa Dias da Costa, tinha “22 anos, solteira, empalhadeira (...) e moradora nesta de Valbom, lugar da Arroiteia”³⁸; no segundo registo, de 1908, é anotado que a noiva, Miquelina Teixeira, tinha “vinte e dois anos, solteira, palhinha (...) residente em Valbom no dito lugar do Monte”³⁹.

O anonimato generalizado das mulheres empalhadeiras nas fontes, a ausência de registos de uma atividade feminina que “oficialmente” não existia e a falta de estudos anteriores que se tenham debruçado sobre o tema, são razões que obrigam forçosamente ao diálogo e à prática de entrevistas com as artesãs gondomarenses. Pela idade das entrevistadas, estas aprenderam a técnica de empalheirar em 1983, aproximadamente.

As irmãs Maria Isabel Santos (Figura 1) e Etelvina Castro, residentes desde sempre na aldeia de Ferreirinha, pertencente à freguesia da Foz do Sousa, foram as empalhadeiras contactadas e entrevistadas por ainda praticarem a atividade no domicílio, embora a tempo parcial. A partir dos seus testemunhos inteiramo-nos que, em Gondomar, os rapazes, necessários nas oficinas como “moços”⁴⁰ ou nos serviços mais árduos do quotidiano – criação de gado e agricultura -, raramente participavam na execução da tarefa de empalheirar. A natureza do trabalho, entendido como renda aplicada à madeira, fez com que a tarefa fosse encarada como atividade destinada sobretudo a mulheres e raparigas adolescentes, tidas como mais capazes e eficazes na sua execução. Outro

fator que contribuiu para este serviço ser executado por mulheres foi o facto de estas poderem conciliar este trabalho com o dos afazeres domésticos, usufruindo de uma remuneração complementar sem saírem praticamente do domicílio.

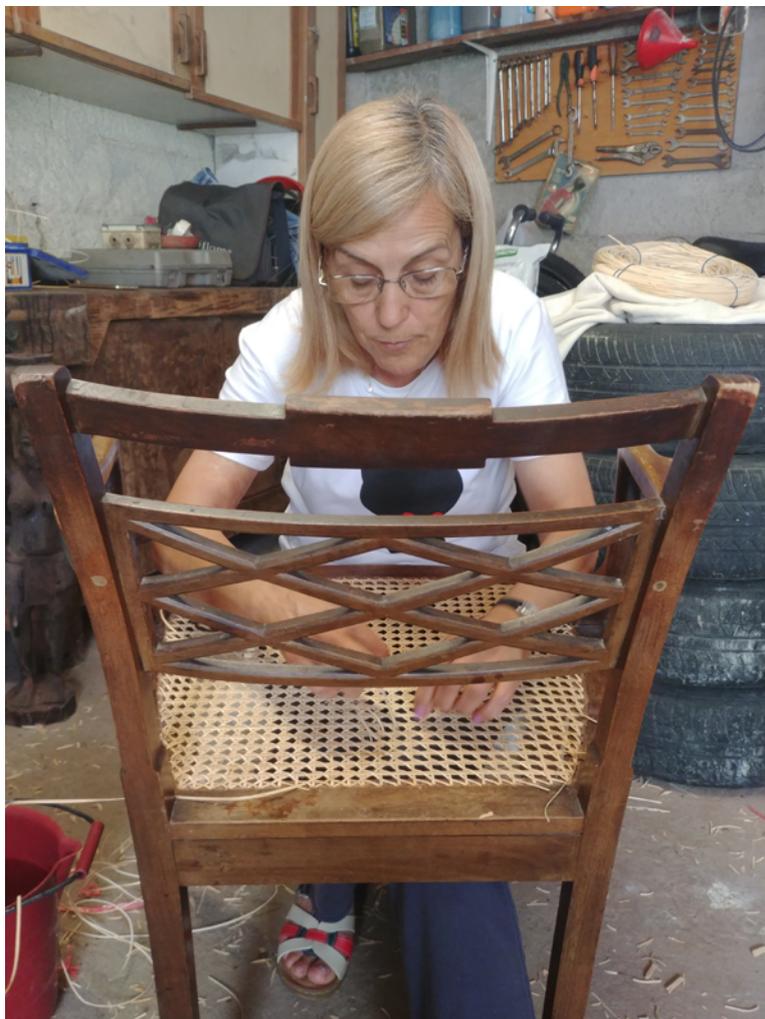


Fig. 1 – A artesã Maria Isabel Santos no ato de empalheirar o assento de uma cadeira, na sua residência em Ferreirinha, freguesia da Foz do Sousa, Gondomar (Portugal) (2020).
Fotografia de Cecília Mónica Cardoso.

Este “saber artesanal” foi transmitido oralmente num ambiente doméstico e familiar, de geração em geração, sendo este o principal motivo da ausência de manuais esquemáticos desta técnica no concelho. Por norma, as mulheres ou trabalhavam no próprio domicílio ou reuniam-se numa residência vizinha e, enquanto trabalhavam nas encomendas, transmitiam o seu conhecimento às jovens adolescentes. A aprendizagem tinha como base a demonstração e indicações para a resolução de problemas que pudessem surgir aquando da execução da técnica. Obtido o conhecimento, as jovens ou optavam por trabalhar para a “mestra” artesã ou iniciavam a atividade por conta própria.

A artesã Maria Isabel aprendeu o ofício aos 17 anos, na residência da empalhadeira “Rosa da Pinta” – como é conhecida por todos na aldeia. Terminado

o processo de aprendizagem, ensinou a “arte” à irmã Etelvina, de 14 anos, e juntas iniciaram a atividade por conta própria no domicílio. Estávamos na década de ’80 e o município estava repleto de oficinas de marcenaria que produziam mobiliário com aplicação do empalhamento, período de enorme procura deste tipo de serviço. Neste contexto favorável, as irmãs foram adquirindo “obra”⁴¹ de cinco oficinas, quatro delas de marcenaria: uma na freguesia de Fânzeres, outra na de Rio Tinto, duas em S. Pedro da Cova) e uma outra de um estofador de S. Cosme. O serviço prestado não se circunscreveu apenas a Gondomar, mas alargou-se também à cidade do Porto, tendo ambas trabalhado para uma oficina de marcenaria na Rua dos Caldeireiros e para uma outra de restauro, a “Porto Restauros”, para a qual desenvolveram um trabalho mais diferenciado. Esporadicamente ainda executavam a manutenção do empalhamento para particulares.

Uma vez que as empalhadeiras trabalhavam no domicílio, eram os proprietários das oficinas e os particulares que se deslocavam às residências destas mulheres para entregar as peças prontas a receber o empalhamento, e, posteriormente, levantar a obra já finalizada. A aplicação da palhinha⁴² era requerida especialmente em cabeceiras de cama, mesas-de-cabeceira, portas de guarda-fatos, armários, cadeiras, cadeirões, canapés, sofás e mesas de centro – sendo estas peças de mobiliário de diversos tamanhos e modelos.

Em tempos de maior procura a concentração de serviço era, por vezes, excessiva. As irmãs empalhadeiras recordam que, em certos períodos, chegavam a trabalhar 20 horas por dia, de modo a poder satisfazer as entregas requeridas. O prazo determinado pelos “patrões” para a concretização das encomendas era muito reduzido e podia tornar-se mais diminuto quando os proprietários comparavam a rapidez de resposta /qualidade de serviço das diferentes empalhadeiras com as quais trabalhavam. Assim, para evitar prazos muito curtos de entregas e não perder encomendas, as empalhadeiras escondiam a obra das outras oficinas sempre que chegava uma nova remessa de peças para empalhar. Por outro lado, quando o serviço era mais escasso auxiliavam outras empalhadeiras locais na concretização do serviço.

A aplicação da palhinha manteve-se até ao final da década de noventa do século XX, no concelho de Gondomar. Na viragem do século, o mobiliário adquiriu novas formas, mais estilizadas, dispensando o emprego do empalhamento. Muitas das artesãs empalhadeiras foram obrigadas a abandonar o ofício e a dedicarem-se a outras profissões. Com o cessar desta atividade, a instrução oral da técnica deixou de ser transmitida às jovens adolescentes e, por este motivo, atualmente apenas são portadoras deste conhecimento as mulheres que outrora executaram o empalhamento, a maior parte com idade superior a cinquenta anos. Durante sensivelmente quinze anos, a aplicação da palhinha no mobiliário esteve praticamente estagnada. Porém, nos últimos cinco anos tem-se verificado um crescente interesse no uso de mobiliário de estilo e respetivo restauro. As cadeiras contam-se entre as peças que requerem maior intervenção, sendo sujeitas a limpeza, proteção contra os xilófagos e substituição da palhinha. No presente, apesar de existirem na aldeia Ferreirinha cerca de seis empalhadeiras, apenas a Maria Isabel e, mais esporadicamente, Etelvina Castro, executam este saber artesanal para particulares.

4. A matéria-prima: características e a venda ao público

Na natureza existe uma grande variedade de espécies de fibras que foram, desde as antigas civilizações, amplamente utilizadas, entre os quais, no fabrico de mobiliário. De todas as fibras usadas destacamos o rotim (*Calamus rotang*), matéria utilizada no entrançado de esteiras do mobiliário indiano e que foi transmitida ao Ocidente através das trocas comerciais inicialmente levadas a cabo entre Portugal e a Índia. O rotim ou ratã é nativo das Índias Orientais, onde normalmente cresce em bosques perto de rios⁴³. É considerado um tipo de palmeira escandente de longa extensão sendo o caule forte, ereto, oco e articulado⁴⁴. Após o corte, o rotim é então preparado para diversos fins, entre os quais realçamos a divisão do caule em finíssimos e longos filamentos que são, posteriormente, utilizados para tecer mobiliário através da técnica de empalhear. Apesar da diminuta largura, estes filamentos, para além de maleáveis, são também muito resistentes.

Os filamentos mais utilizados no empalhamento possuem a largura de 1mm, 2mm, 2.5mm e 3mm. A largura da palhinha mais adequada para tecer um padrão pretendido depende, exclusivamente, da largura e do espaçamento da furação. Por norma, segundo a empalhadeira Maria Isabel, é utilizada no urdido, retecido e tecido a mesma espessura do filamento, enquanto no acabamento é utilizado o filamento com a largura superior ao utilizado no padrão. Neste sentido, para um urdido, retecido e tecido com 1mm, o acabamento deve ter 2.5mm; no caso do urdido, retecido e tecido com 2mm, o acabamento deverá ter 3mm. Assim, normalmente os filamentos com as espessuras de 1mm e 2mm são os mais utilizados para o urdido, retecido e tecido, o filamento de 3mm para o acabamento, enquanto o filamento de 2.5mm é utilizado no urdido, tecido, retecido e acabamento. O filamento com a espessura de 4 milímetros é utilizado em raras exceções, quando os furos da armação são muito largos e muito espaçados uns dos outros.

Apesar de ser norma a utilização de uma só espessura da palhinha no padrão – urdido, tecido e retecido - nada impede a alternância das espessuras, como por exemplo urdido 2mm, retecido e tecido 1mm e acabamento 3mm. Porém, em termos visuais, não é tão atrativo. No acabamento, geralmente é utilizada uma espessura superior à utilizada no urdido, tecido e retecido de modo a cobrir a furação e a sobressair o padrão do empalhamento.

No passado era possível encontrar a palhinha da Índia à venda em diversos estabelecimentos comerciais da cidade do Porto e em particular na rua Gonçalo Cristóvão. No entanto, na atualidade só é possível encontrar esta matéria-prima em Paços de Ferreira, concelho localizado a cerca de 32km da cidade do Porto e um dos maiores centros de produção de mobiliário do país. A palhinha é vendida aos molhos (Figura 2), sendo que cada molho corresponde a uma espessura. Deste modo, para a concretização do padrão e acabamento, é necessária a aquisição de pelo menos dois molhos de palhinha. Na década de '80 do século XX, cada molho de palhinha de 1kg era adquirido por 750 escudos – equivalente a 3,74 euros – enquanto na atualidade um molho de palhinha de meio quilo é adquirido por 75 euros. O elevado preço da matéria-prima, a impossibilidade de reaproveitamento da palhinha no caso de um restauro e a baixa

procura de empalhadeiras para aplicação da técnica, explicam o abandono do ofício e o eminente desaparecimento do conhecimento deste modo de fazer.



Fig. 2 – Molho de palhinha da Índia da artesã Maria Isabel Santos (2020). Fotografia de Cecília Mónica Cardoso.

5. Ferramentas e utensílios

A técnica de empalheirar requer ferramentas diferentes na execução da furação e aplicação da palhinha. Numa peça onde a furação é executada pela primeira vez são necessários uma fita métrica, um compasso, brocas - a broca a utilizar adequa-se sempre em função da distância de furo para furo, ou seja, quanto mais próximos os furos estiverem entre si mais estreitos são -, e um berbequim ou arco-de-pua. Por outro lado, quando se trata da renovação do empalhamento são necessários uma faca ou uma tesoura e a sovela e um martelo ou a sovela e um berbequim.

Na aplicação da fibra são fundamentais os seguintes utensílios: o martelo, utilizado para retirar e introduzir os tacos na furação (Figura 3); a sovela, também conhecida como “bota-tacos”⁴⁵ ou pino⁴⁶, é usada para remover os tacos do empalhamento, tal como foi referido anteriormente, e serve também para ajudar a introduzir as palhas novas nos furos (Figura 3); a tesoura ou a faca

para cortar os excessos da palhinha (Figura 3); o *pente-de-ajuntar*, é empregue para aproximar os entrelaces e tornar as palhinhas perpendiculares e uniformes; a agulha é utilizada para deslizar a palhinha umas entre as outras mais facilmente, normalmente usada nos padrões francês, italiano e teia-de-aranha (Figura 3); o balde com água para o artesão mergulhar constantemente a palhinha de forma a que esta obtenha maleabilidade, elasticidade e resistência (Figura 3); o formão, que serve para desbastar o taco (Figura 3); e o taco de madeira para prender a palhinha na furação (Figura 3). As irmãs empalhadeiras, Maria Isabel e Etelvina Castro, utilizam tacos de madeira de choupo. No entanto, a madeira destinada aos tacos pode ficar ao critério do artesão.



Figura 3 – Ferramentas e utensílios utilizados na técnica de empalheirar (2020).
Fotografias e desenhos de Cecília Mónica Cardoso.

Salientamos que o *pente-de-ajuntar* e a agulha são utensílios executados pelos próprios artesãos. O primeiro (Figura 3) é constituído por um pedaço de madeira, com cerca de 7 centímetros de comprimento, perfurado com 5 pregos em linha reta. Os pregos, sem cabeça, são introduzidos a uma distância de 13 milímetros uns dos outros. É estritamente necessário que os pregos, para além da distância entre si, possuam o mesmo comprimento no exterior da madeira, com cerca de 2 centímetros. Após a confirmação do comprimento dos pregos, iguais entre si, é necessário limá-los com uma lixa de ferro, para os tornar macios e facilitar a entrada entre as palhas para não as danificar. Na atualidade são comercializados pentes metálicos. Em Gondomar, ao contrário do que ocorre no Brasil, já não é corrente a utilização o *pente-de-ajuntar*. No seu lugar as artesãs utilizam os dedos para unir e endireitar as palhinhas.

A agulha (Figura 3) é confeccionada a partir da fita de uma serra. A lâmina da agulha contém, por norma, entre 50 a 80 centímetros de comprimento, de

forma a cobrir a área normal de uma peça. No caso da peça a ser empalheirada possuir dimensões maiores que o normal, será essencial produzir uma nova agulha, com medidas mais adequadas, para facilitar o empalhamento. Após a escolha da medida pretendida para a agulha, a fita da serra é presa no torno para serem retirados os dentes através da rotação da pedra de esmeril presa no berbequim. Desbastados todos os dentes é necessário limar toda a área para retirar a rebarba e os excessos. Após a lâmina limada, é executado um furo em cada extremidade da agulha. Por fim, as extremidades da agulha são arredondadas para facilitar a entrada entre as palhinhas.

6. A técnica: passo a passo

A técnica de empalheirar, apesar de simples e de fácil aprendizagem, contém particularidades que devem ser levadas em consideração. Antes de iniciar o processo é crucial analisar a peça que será sujeita ao empalhamento. A partir da observação, o artesão fica ciente da área a ser empalheirada; do formato da estrutura (retangular, quadrangular, redonda ou oval) e se é regular ou irregular; da existência ou ausência de concavidades, concavidades estas geralmente localizadas no espaldar das cadeiras; e, por último, o diâmetro e distanciamento da furação. A observação atempada permite ao artesão fazer uma estimativa da quantidade de matéria-prima que irá necessitar para o empalhamento – dependendo da forma e dimensão da estrutura e do padrão que for exigido pelo comitente – e selecionar a palhinha mais adequada de acordo com a furação e o padrão. Quando se trata de um restauro, a observação da peça permite a análise do estado de conservação da furação e o padrão usado originalmente, que terá de ser repetido.

Quando uma cadeira é executada de novo, a furação pode ser feita pelo empalhador ou pelo marceneiro. Em Gondomar, por norma, a furação esteve sempre a cargo do marceneiro, enquanto o empalhamento era entregue às mulheres gondomarenses. Primeiramente, antes de furar a armação, é necessário marcar todos os furos à mesma distância com o compasso. A distância dos furos é adaptada à largura da palhinha que será utilizada. Com a marcação preparada são então executados os furos, com recurso a um arco-de-pua ou de um berbequim. Após a concretização da furação, a cadeira pode ser empalheirada.

Nas situações de restauro, a cadeira tem de ser necessariamente sujeita a uma limpeza e a uma preparação. A limpeza consiste em remover toda a palhinha da estrutura, pois não será mais reutilizada. Para retirar a palhinha deteriorada é necessário cortá-la rente à estrutura de madeira com recurso de uma faca ou de uma tesoura. De seguida, a sovela é introduzida no furo e com o martelo bate-se no topo de forma a retirar os tacos e os restos da palhinha que se encontram presos nos furos. Outra forma, consiste em pontilhar ao de leve a furação com a sovela e, de seguida, furar novamente a furação com um berbequim – a broca deve ser igual ou inferior à medida da furação. Já a preparação consiste em observar o estado de conservação da estrutura e da furação. Caso seja necessário, a estrutura será reforçada e serão, igualmente, aplicados produtos contra os xilófagos para que deste modo a madeira seja conservada durante mais tempo. É muito importante dar atenção ao reforço da estrutura onde está

localizada a furação, isto porque, a palhinha quando aplicada húmida possui mais elasticidade e, quando seca e esticada, provoca muita tensão à estrutura. Por este motivo, é muito importante atender ao estado de conservação de uma estrutura onde é renovado o empalhamento.

Importa evidenciar que existem vários métodos para executar o mesmo padrão, mas, independentemente do método utilizado, todos apresentam a mesma configuração quando concluídos – com exceção da teia-de-aranha. Salientamos ainda que mesmo os padrões sendo diferentes, como teremos a oportunidade de observar no capítulo seguinte, as etapas principais são denominadas geralmente por: urdido ou urdidura, que corresponde às camadas da vertical e horizontal; tecido, referente à primeira camada na diagonal; retecido, relativo à segunda camada na diagonal; e, por último, o acabamento, que consiste, principalmente, em cobrir a furação. No entanto, para Henri Clozout, a tecelagem em palhinha é reduzida a uma operação tripla: a urdidura, que consiste em esticar palhinhas duplas na vertical por toda a superfície; a montagem, onde são aplicadas palhinhas duplas na horizontal, passando-as alternadamente em cima e em baixo das palhinhas verticais; e o adorno, que envolve a colocação de uma palhinha nas diagonais, sendo que estas são um terço mais largas do que as utilizadas na vertical e na horizontal⁴⁷. Na obra “Mobiliário. Móveis de Assento e de Repouso”, a autora, confirma que “para se obter um bom resultado no trabalho, a palhinha a usar deve ser de 2,5 milímetros para aquelas que são paralelas e perpendiculares à frente do assento e de 3 milímetros para as que lhe são obliquas”⁴⁸. No entanto, em Gondomar, nos padrões mais simples, as palhinhas perpendiculares possuem a mesma dimensão das paralelas. Quando se trata de restauros as artesãs gondomarenses executam exatamente o mesmo padrão.

Através do vocábulo “urdidura” denotamos um elo de ligação com a técnica da tecelagem. De facto, a técnica da palhinha é semelhante à tecelagem, pois, tal como nesta, as palhinhas também são entrelaçadas umas nas outras dando origem ao padrão que se pretende.

Antes de ser iniciado o empalhamento, é muito importante que o artesão mergulhe a palhinha num balde com água, para que esta adquira elasticidade e não quebre durante o processo. Partindo do princípio de que a área a empalhear possui a forma retangular e regular e o padrão utilizado é o de “1 palha” – é utilizada uma palha em todas as direções -, o primeiro e segundo passos consistem em encontrar o centro da furação, na vertical, e prender a palhinha no furo com o taco. O terceiro passo compreende a repetição do passo anterior por toda a superfície. Porém, se esta for côncava, a palhinha na vertical não pode ser aplicada nas extremidades de modo a facilitar a aplicação na horizontal – esta exceção é aplicada apenas aos padrões de “1 palha”, “3 palhas” e “4 palhas simples”. No quarto passo é aplicada a palhinha na horizontal colocada sobre as palhinhas verticais. Contudo, se a superfície for côncava, a palhinha deve ser colocada por baixo das palhinhas verticais para que o tecido e retecido adquiram a curvatura da superfície – tal como anteriormente, esta exceção apenas ocorre nos padrões de “1 palha”, “3 palhas” e “4 palhas simples”. Depois de serem aplicadas as palhinhas na horizontal, em toda a superfície, é necessário terminar o urdido na vertical. Após o urdido concluído, dá-se início à aplicação das camadas

do tecido e retecido. Estas camadas na diagonal não requerem uma ordem concreta, porém, devem cruzar-se em todo o revestimento: onde uma palhinha passa por cima a outra deve passar por baixo, de modo a se obter o cruzamento e o formato em “X”. Os oitavo e nono passos, correspondentes à aplicação na diagonal, podem ser executados da direita para a esquerda, de cima para baixo, e da esquerda para a direita, de baixo para cima, respetivamente, mas o artesão poderá optar por uma outra ordem que lhe seja mais conveniente. Depois de o tecido e retecido estarem concluídos, deve-se colocar as pontas das palhas diagonais cruzadas e molhá-las antes de serem inseridas na furação para serem presas com os tacos de madeira. Com as palhinhas presas, será executado o acabamento que tem como objetivo cobrir a furação, assim como os tacos que prendem a palhinha, de modo a realçar todo o revestimento. No décimo primeiro passo, que corresponde ao acabamento, a palhinha pode ser aplicada furo a furo ou de dois em dois furos, sendo que este último é o mais utilizado pela economia de tempo. Uma vez que a palhinha utilizada no acabamento é igualmente presa pelo taco de madeira para que estes não sejam visíveis, a palhinha é dobrada e presa junta com os tacos para permitir a cobertura do próprio furo e do furo seguinte. Após o revestimento completo, a palhinha ou permanecia com a coloração natural ou era dourada ou envelhecida. O envelhecimento era obtido através da aplicação de uma tinta de cor acastanhada.

A concretização desta técnica é normalmente demorada e extenuante, consoante o padrão e a área a empalhear. Os padrões francês, italiano e a teia-de-aranha são os mais complexos e, por conseguinte, mais demorados. A artesã Maria Isabel, ágil na tarefa, consegue executar o empalhamento do espaldar e assento de uma cadeira em um dia, enquanto a cabeceira de uma cama em teia-de-aranha demora dois dias a ser aplicada.

7. Padrões de revestimento

Até ao século XX, os padrões mais empregues no mobiliário a nível internacional foram os designados “padrão francês”, “padrão italiano” e “padrão de teia-de-aranha”. A particularidade do “padrão francês” (Figura 4) consiste no entrelace das palhinhas verticais com as horizontais (urdido ou urdidura) sobrepostas pelas diagonais que formam o cruzado final do padrão (tecido e retecido). Este padrão é constituído por sete camadas – duas camadas na vertical, duas camadas na horizontal, duas camadas na diagonal – e o acabamento. O “padrão francês” pode ser empregue em todos os formatos: retangular, quadrangular, redondo e oval. O “padrão italiano” é exatamente igual ao “padrão francês”, porém, este revestimento, também designado como “revestimento pela esquerda”, exige que a palha na diagonal entre pelo lado esquerdo e saia pelo lado direito, enquanto no “padrão francês” a palha entra pelo lado esquerdo e sai pelo lado direito. Geralmente, o “padrão italiano” é utilizado pelos empalhadores/as canhotos ao passo que o “padrão francês” é concretizado pelos destros. Já o padrão de “teia-de-aranha” é mais complexo e utilizado nas estruturas de formato redondo e, preferencialmente, oval. Para a sua execução são necessárias duas peças: a armação exterior e o centro, também designado por roseta. O revestimento em teia-de-aranha é composto por seis fases: primeiro, a guia,

onde são identificados os furos centrais de cada extremidade da estrutura e da roseta, seguindo-se a sua união através da colocação das palhinhas verticais por toda a superfície; segundo, a esteirinha que consiste no entrelace de uma palhinha na horizontal entre as palhinhas na vertical em torno da roseta – o entrelace que constitui a esteirinha possui cerca de cinco centímetros de diâmetro – de modo a facilitar o trespasse da palhinha é utilizada a agulha; terceiro, o urdido é composto por várias filas horizontais em forma circular por toda a área – a primeira, mais próxima da esteirinha possui um entrelace em formato de «X»; quarto, o tecido que corresponde à primeira diagonal que é aplicada, igualmente, por toda a área; quinto, o retecido constituído pela diagonal em sentido contrário por toda a área; sexta e última fase, o acabamento. A empalhadeira Maria Isabel, apesar de ser conhecedora do processo em teia-de-aranha, não recebe atualmente encomendas por este padrão ser demasiado dispendioso.

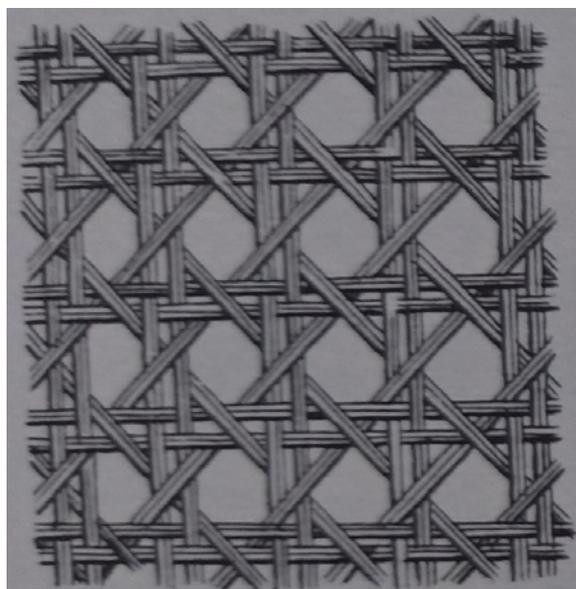


Figura 4 – Padrão em estilo francês (1751-1772). Caderno do Ébéniste. Imagem retirada da Encyclopédie de Diderot et d’Alembert.

Em conversa com a artesã gondomarense Maria Isabel, para além de serem referidos os padrões internacionais, “francês”, “italiano” e “teia-de-aranha”, utilizados no concelho ao longo do século XX, foram também indicados os padrões de “1 palha”, “3 palhas” e “4 palhas simples”. As designações utilizadas em Gondomar de “1 palha”, “3 palhas” e “4 palhas simples” correspondem ao número de palhas utilizadas na vertical e na horizontal que determinam o padrão. No padrão de “1 palha” (Figura 5) é utilizada apenas uma palha em todas as direções e camadas. O padrão de “3 palhas” (Figura 6) é constituído por duas palhas unidas na vertical e uma palha na horizontal. Já o padrão de “4 palhas simples” (Figura 7) é constituído por duas palhas unidas na vertical e na horizontal, sem a existência de entrelaces entre si. Nestes padrões o tecido e retecido são sempre formados pelo cruzamento de uma palhinha em sentidos opostos.

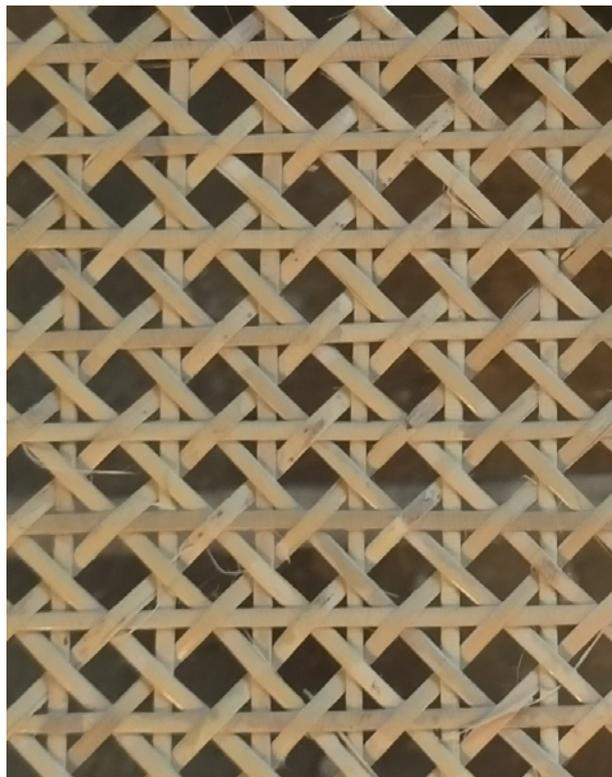


Figura 5 - Padrão de uma palha. Execução da artesã Maria Isabel Santos (2020). Fotografia de Cecília Mónica Cardoso.



Figura 6 – Padrão de três palhas. Execução da artesã Maria Isabel Santos (2020). Fotografia de Cecília Mónica Cardoso

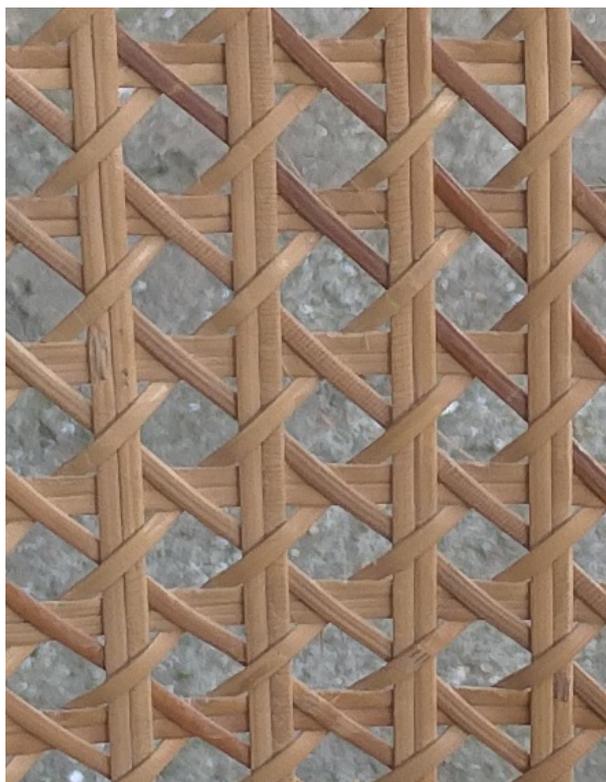


Figura 7 – Padrão de quatro palhas simples.
Execução da artesã Maria Isabel Santos (2020).
Fotografia de Cecília Mónica Cardoso.

8. Guias Práticos: Portugal e o Mundo

Até ao momento tivemos contacto com desenhos esquemáticos da técnica de empalheirar originários de Inglaterra, França e Espanha. Cronologicamente, o esquema mais antigo (Figura 8) encontrado até ao momento data de entre 1751-1772 e está inserido no caderno de *Ébéniste*, da *Encyclopédie de Diderot et d’Alembert*⁴⁹. Neste esquema estão representados os quatro passos fundamentais da técnica de empalheirar. Para facilitar o entendimento, foram representados os passos do empalhamento numa armação, do que parece ser um assento de uma cadeira, e, para cada passo, foram apresentados os respetivos pormenores que demonstram com maior detalhe os entrelaces das palhas verticais, horizontais e diagonais – não sendo mencionado o acabamento. A observação atenta permitiu-nos constatar que, neste esquema, o primeiro e segundo passos do padrão (urdido) são executados de duas em duas palhas. Isto significa que os entrelaces são efetuados de imediato por intermédio da agulha ou, simplesmente, através do manuseio vigoroso dos dedos. O segundo mais antigo corresponde a um esquema inglês (Figura 9), datado de 1917, inserido na obra do autor L. Day Pery⁵⁰. Este esquema é constituído por sete passos, incluindo o acabamento. Ao contrário do esquema anterior, as etapas indicam que os entrelaces das palhas são efetuados pela sobreposição das camadas – vertical, horizontal, vertical, horizontal e as diagonais - e não, necessariamente, por meio de uma execução mais elaborada como foi verificada anteriormente.

O terceiro esquema, igualmente francês (Figura 10), está inserido na obra de Henri Clouzot, de 1922⁵¹. Este esquema está, igualmente, representado pelos 4 passos fundamentais, tal como foi referido no esquema francês anterior. Porém, neste esboço verificamos não só a colocação da agulha para obter os entrelaces horizontais, como também o modo de fazer dos padrões “francês”, para destros e o “italiano” para os canhotos. Por último, tivemos contacto com um esquema espanhol publicado na revista *Hobby*⁵², da qual se desconhece o ano de publicação. Neste artigo, os desenhos esquemáticos auxiliam a descrição da técnica, ao contrário dos esquemas franceses, e apresenta a explicação do “padrão francês”. Apesar de ser demonstrada a colocação das palhas - na vertical, horizontal e diagonal -, o foco da instrução está na explicação de como aplicar a palhinha na vertical. Ao contrário dos demais, este esquema apresenta um início diferente: é aproveitado todo o comprimento da palha. Para isso, é encontrado o centro da furação, no nível superior, e a mesma palha é inserida por baixo dos dois furos centrais e, de seguida, as duas pontas da palha são esticadas, alinhadas e inseridas nos furos inferiores da armação.

Relativamente ao concelho de Gondomar, ainda não foram encontrados esquemas de padrões para o revestimento em palhinha no mobiliário. Tal como foi referido anteriormente, estes esquemas foram transmitidos oralmente e difundidos entre as empalhadeiras gondomarenses, em contexto doméstico e familiar, de geração em geração.

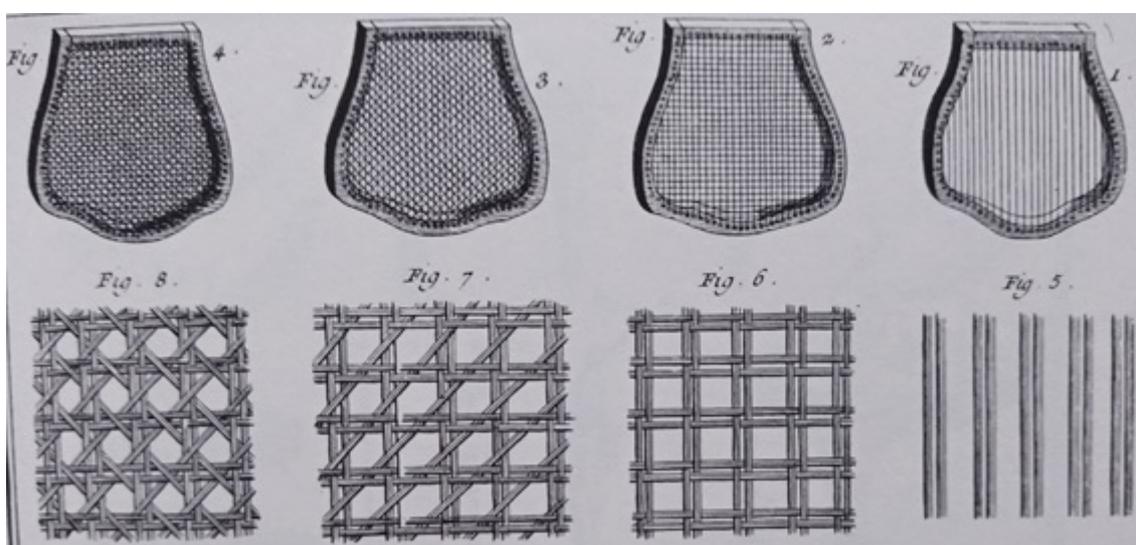


Figura 8 – As quatro fases de empalhamento segundo a *Encyclopédie de Diderot et d’Alembert* (1751-1772). Caderno do *Ébéniste*. Imagem retirada da *Encyclopédie de Diderot et d’Alembert*.

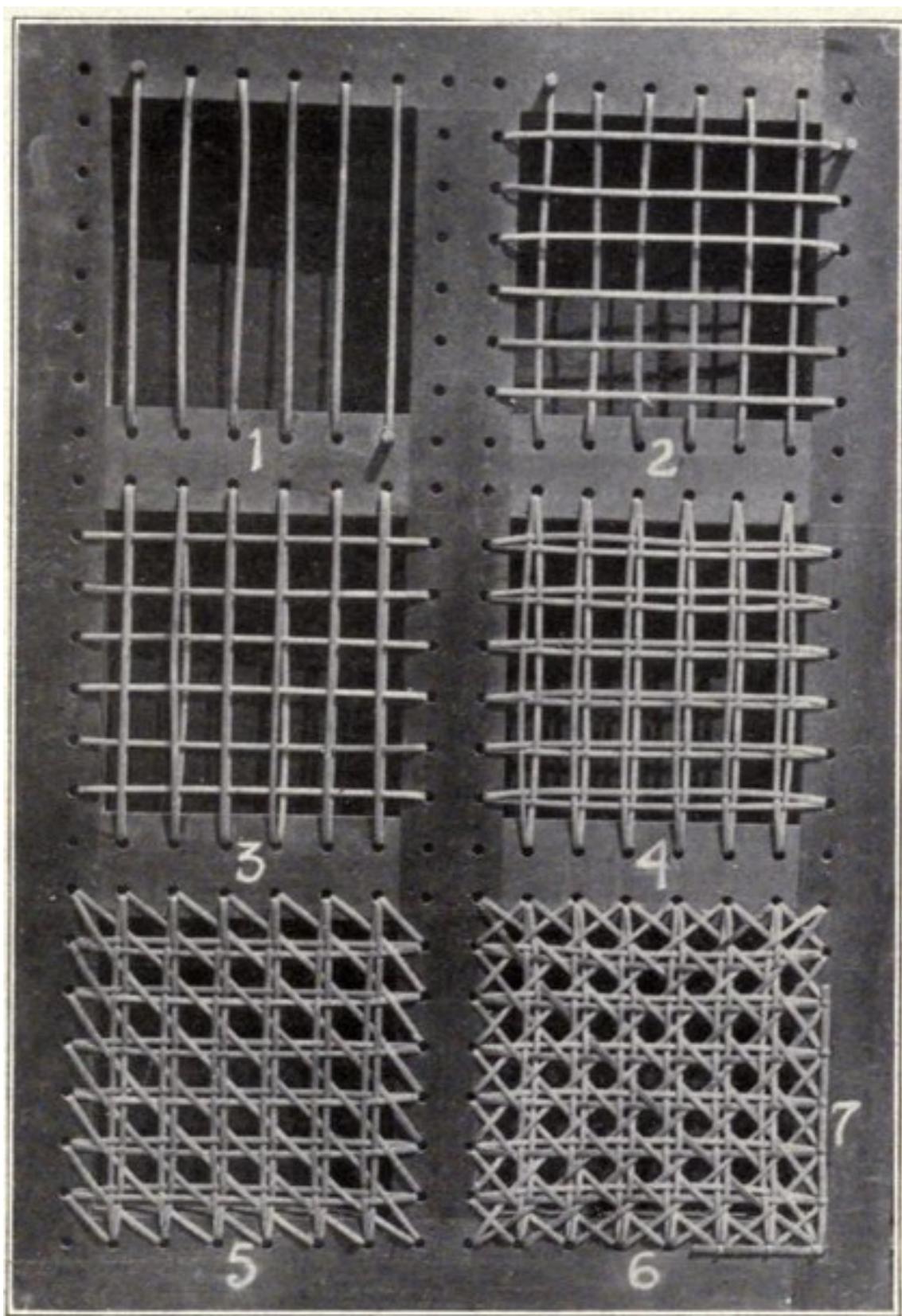


Figura 9 – As sete fases de empalhamento segundo o autor L. Day Perry (1917).
Imagem retirada da obra de L. Day Perry.

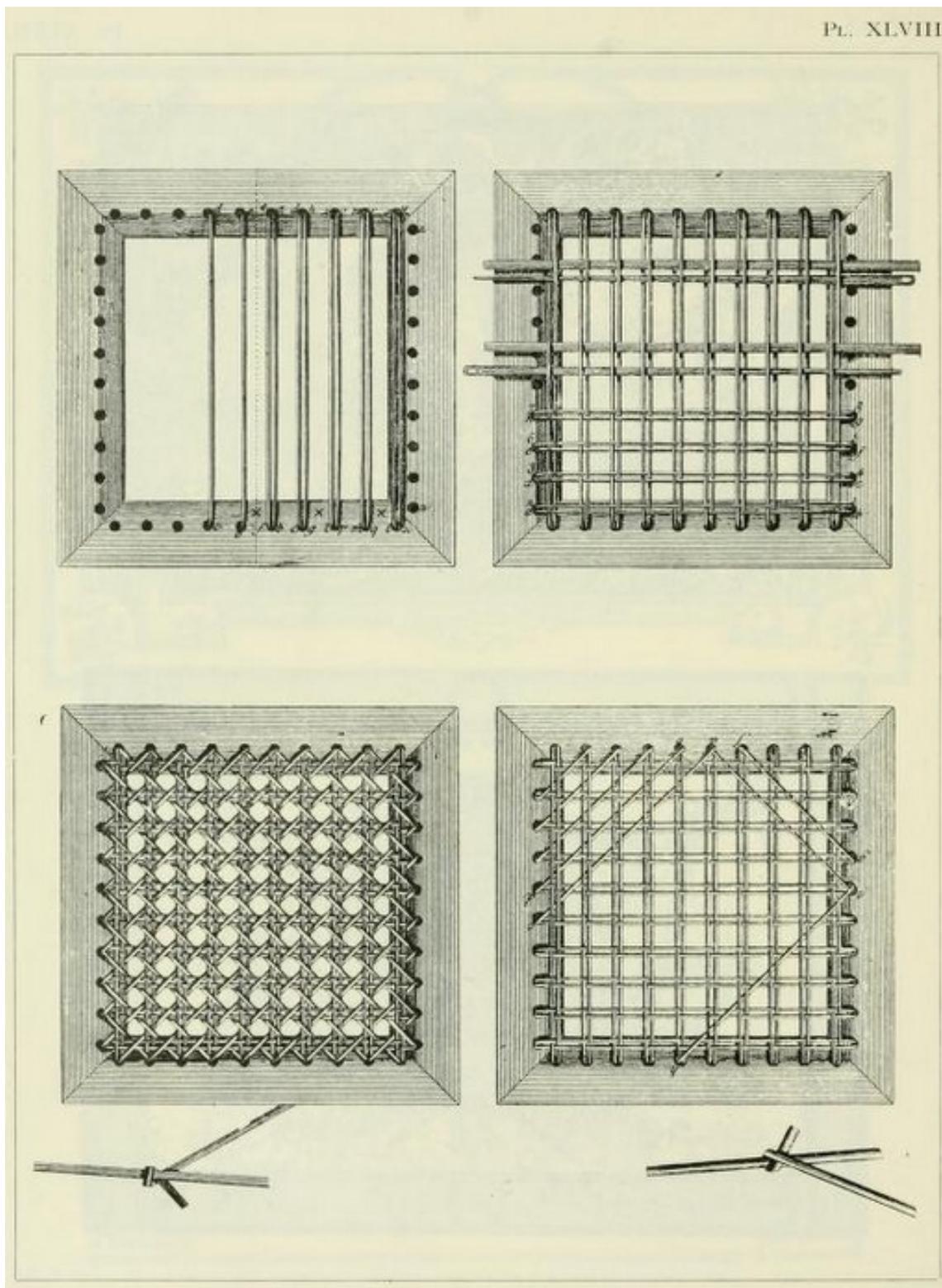


Figura 10 – Esquema da aplicação da palhinha na vertical e na horizontal, com a demonstração da utilização da agulha na horizontal, e a demonstração das diagonais (1922). Imagem retirada da obra de Henri Clouzot.

9. A matéria-prima em detrimento do sintético

Apesar de se manter a tradição do uso da palha da Índia como matéria-prima na técnica de empalheirar, na atualidade é também recorrente a utilização do fio sintético, sobretudo no mobiliário destinado ao exterior das habitações, por este ser mais resistente às intempéries. O recurso aos materiais sintéticos tem vindo a impor-se no mercado, por razões de estética, durabilidade e custo.

A palhinha da Índia é usada no empalhamento com a cor natural. Já o fio sintético possibilita o recurso a uma gama alargada de cores, podendo tornar-se mais atrativo, por isso, ao consumidor. Ao contrário da palhinha natural, é possível através do fio sintético misturar cores no empalhamento e criar efeitos cromáticos, permitindo uma melhor harmonização da peça com o espaço a que esta se destina.

Relativamente à durabilidade, como foi demonstrado anteriormente, a palhinha é uma fibra natural maleável e muito resistente, porém, perecível. Um empalhamento em contacto com contrastes atmosféricos intensos reduz drasticamente a resistência e a durabilidade da palhinha. Assim, quanto maior for o uso e a exposição com o exterior, mais rapidamente esta se deteriora, sendo necessário a renovação frequente do empalhamento. O fio sintético não requer tantos cuidados como a palhinha, pois aguenta longos períodos de exposição aos elementos naturais sem dificuldade.

Atualmente e de acordo com a informação das empalhadeiras entrevistadas, a palhinha é comercializada em Portugal em molhos de baixo peso (meio quilo) e a preços muito elevados (75 euros)⁵³. Ao contrário de outros tempos, no presente é muito difícil encontrar estabelecimentos comerciais a vender palha da Índia. Por fim, o fio sintético é comercializado em rolos e em vários estabelecimentos comerciais. Cada rolo possui maior quantidade do que um fardo de palha de meio quilo e o custo é francamente mais reduzido.

Apesar das dificuldades apontadas para o uso de palhinha natural na atualidade, a empalhadeira Maria Isabel manifesta a sua total preferência pela utilização da palhinha da Índia ao invés do fio sintético. Em termos de trabalho, a palhinha é mais maleável e mais macia ao toque. Estas duas características ajudam no ato de empalheirar, pois a palhinha passa mais facilmente pelos furos da furação e a empalhadeira controla inteiramente o direcionar da matéria-prima para o sítio que pretende, ao contrário do que acontece com o fio sintético.

O emprego do fio sintético pode vir a impor-se no mercado e a pôr em risco a tradição artesanal da técnica de empalheirar. Por enquanto, o mobiliário histórico e o seu restauro a partir das técnicas tradicionais continuam a atrair um setor do público que, detentor de peças adquiridas ou herdadas, continua a alimentar o emprego ou renovação da palhinha artesanal.

10. Considerações finais

Em finais do século XX, assistiu-se no concelho de Gondomar e em todo o território português, a um declínio acentuado da produção de mobiliário em contexto oficial, que acarretou também a quase extinção dos ofícios artesanais a ela ligados, como é o caso do de empalheirar.

Para além da redução drástica da prática de empalheirar, o valor da matériaprima também se tornou demasiado dispendioso e esse aumento condiciona a prática e o revestimento. O público detentor de peças adquiridas ou herdadas, e que continua interessado na renovação da palhinha artesanal opta, muitas vezes, pela substituição de revestimentos originais mais elaborados pelos mais simples.

Por norma, não é atribuído o devido valor à técnica de empalheirar por dois motivos: por se tratar de uma matéria-prima natural e facilmente perecível, e por ser considerada de fácil aprendizagem e, por isso, acessível a todos.

Consideramos que este estudo permite o registo de uma prática artesanal em risco de se perder, demonstrando os esquemas de execução desta técnica, e em particular no concelho de Gondomar, dando a conhecer às gerações mais jovens um ofício que em tempos envolveu um número elevado de mão-de-obra. No âmbito da investigação em curso, pretende-se aproximar os gondomarenses e outros públicos ao património ligado à indústria do mobiliário. O nosso intuito, no futuro, consiste na realização de atividades e partilha de conhecimento. Neste sentido, o Município de Gondomar, sobretudo o núcleo do Turismo e da Cultura, está apostado na promoção destes ofícios, outrora tão prósperos no território.

Lembramos que a técnica de empalheirar perpetuou um modo de fazer até ao presente, ou seja, os antigos padrões de revestimento continuam a ser utilizados nos dias de hoje. No entanto, o custo da matéria-prima, a pouca procura e o conseqüente preço elevado da execução obrigam à adaptação desta arte às atuais circunstâncias, nomeadamente ao recurso de padrões mais simples que envolvem menos quantidade de matéria-prima e menos tempo de execução. O conhecimento, o registo e a divulgação desta técnica tornam-se, no atual contexto, urgentes, no sentido de melhor ser mantida e preservada.

NOTAS

¹ A autora gostaria de agradecer às artesãs empalhadeiras gondomarenses Maria Isabel Santos e Etelvina Castro, irmãs, por todo o contributo na partilha do conhecimento da técnica da palhinha no mobiliário.

² Esta investigação integra-se no projeto de doutoramento em *Estudos do Património* da Faculdade de Letras da Universidade do Porto – Departamento de Ciência e Técnicas do Património, em curso desde 2019. O projeto de doutoramento é ainda financiado pela FCT com a referência 2020.06909.BD.

³ Seleções do Reader's Digest, *Estilos de Mobiliário. O Grande Livro da Decoração* (Lisboa: Seleções do Reader's Digest, 1976), 5 http://www.exatas.ufpr.br/portal/deggraf_arabella/wp-content/uploads/sites/28/2016/08/Apostila-Hist%C3%B3ria-do-Mobili%C3%A1rio.pdf

⁴ Fátima Regina Sans Martini, *História do Mobiliário: Egito Antigo* (Universitas, Arquitetura e Comunicação jan./jun, V.13, n. 1, 2016), 22

⁵ R. W. Symonds, *English cane chairs – Part I, The Connoisseur*, April 1951, 8 <https://archive.org/details/connoisseurill126128lond/page/n227/mode/2up?q=cane+>

⁶ Pedro Dias, *Mobiliário Indo-português* (Moreira de Cónegos: Imaginalis, 2013), 218

⁷ Pedro Dias, *Mobiliário Indo-português* (Moreira de Cónegos: Imaginalis, 2013), 218

⁸ A cadeira indo-portuguesa descrita pode ser observada em R. W. Symonds, *English cane chairs – Part I, The Connoisseur*, April 1951, 8

⁹ A matéria-prima utilizada na técnica de empalheirar é a “palha” ou “palhinha” – palha ripada - proveniente da planta rotim, indígena da Índia Oriental. Terá sido a partir das características finais da matéria-prima que surgiu o vocábulo “palhinha” para designar a matéria e a técnica.

¹⁰ R. W. Symonds, *English cane chairs – Part I, The Connoisseur*, April 1951, 8, <https://archive.org/details/connoisseurill126128lond/page/n227/mode/2up?q=cane+>

¹¹ R. W. Symonds, *English cane chairs – Part I, The Connoisseur*, April 1951, 8, <https://archive.org/details/connoisseurill126128lond/page/n227/mode/2up?q=cane+>

¹² R. W. Symonds, *English cane chairs – Part I, The Connoisseur*, April 1951, 9, <https://archive.org/details/connoisseurill126128lond/page/n227/mode/2up?q=cane+>

¹³ R. W. Symonds, *English cane chairs – Part I, The Connoisseur*, April 1951, 9, <https://archive.org/details/connoisseurill126128lond/page/n227/mode/2up?q=cane+>

¹⁴ R. W. Symonds, *English cane chairs – Part I, The Connoisseur*, April 1951, 11, <https://archive.org/details/connoisseurill126128lond/page/n227/mode/2up?q=cane+>

¹⁵ R. W. Symonds, *English cane chairs – Part I, The Connoisseur*, April 1951, 11, <https://archive.org/details/connoisseurill126128lond/page/n227/mode/2up?q=cane+>

¹⁶ Registos Paroquiais Valbom, *Registo de batismo n.º 72*, 1909, disponível em *Tombo.pt* <https://pesquisa.adporto.arquivos.pt/viewer?id=1552296>

¹⁷ A publicação “A General Description of all Trades” consiste numa descrição geral de todas as profissões dispostas em ordem alfabética, na qual os progenitores, tutores e curadores podiam, com maior facilidade, escolher as profissões dos jovens a seu cuidado de acordo com a sua capacidade, educação, inclinação, força e fortuna.

¹⁸ General Description, *A General Description of all Trades*, (London: printed for T. Waller, at the Crown and Mitre, 1747), 58

¹⁹ Henry Havard, *Dictionnaire de l'ameublement et de la décoration depuis le XIIIe siècle jusqu'à nos jours*, Vol. I (Paris: Hôtel de Thou, rue des Poitevins, 1789), 655

²⁰ Henry Havard, *Dictionnaire de l'ameublement et de la décoration depuis le XIIIe siècle jusqu'à nos jours*, Vol. I (Paris: Hôtel de Thou, rue des Poitevins, 1789), 655

²¹ Henry Havard, *Dictionnaire de l'ameublement et de la décoration depuis le XIIIe siècle jusqu'à nos jours*, Vol. I (Paris: Hôtel de Thou, rue des Poitevins, 1789), 655

²² Henry Havard, *Dictionnaire de l'ameublement et de la décoration depuis le XIIIe siècle jusqu'à nos jours*, Vol. I (Paris: Hôtel de Thou, rue des Poitevins, 1789), 655

²³ Henri Clozout, *Archives de l'amateur et du professionnel: Les meubles du XVIIIe siècle* (Paris, 1922), 102

²⁴ Jacques Savary des Brûlons, et al, *Encyclopédie Méthodique: Commerce*, Tome 30 (Paris, 1789), 594

²⁵ Henry Havard, *Dictionnaire de l'ameublement et de la décoration depuis le XIIIe siècle jusqu'à nos jours*, Vol. I (Paris: Hôtel de Thou, rue des Poitevins, 1789), 655

²⁶ R. W. Symonds, *English cane chairs – Part II, The Connoisseur*, April 1951, 91, <https://archive.org/details/connoisseurill126128lond/page/n227/mode/2up?q=cane+>

²⁷ R. W. Symonds, *English cane chairs – Part II, The Connoisseur*, April 1951, 91, <https://archive.org/details/connoisseurill126128lond/page/n227/mode/2up?q=cane+>

²⁸ Henry Havard, *Dictionnaire de l'ameublement et de la décoration depuis le XIIIe siècle jusqu'à nos jours*, Vol. I (Paris: Hôtel de Thou, rue des Poitevins, 1789), 655

²⁹ R. W. Symonds, *English cane chairs – Part II, The Connoisseur*, April 1951, 90, <https://archive.org/details/connoisseurill126128lond/page/n227/mode/2up?q=cane+>

³⁰ R. W. Symonds, *English cane chairs – Part II, The Connoisseur*, April 1951, 91, <https://archive.org/details/connoisseurill126128lond/page/n227/mode/2up?q=cane+>

- ³¹ Maria Adelina Valente, *Matrizes Inglesas no mobiliário português da segunda metade do século XVIII* (Tese Doutoramento, Universidade Católica Portuguesa, 2014), 104-105
- ³² Maria Adelina Valente, *Matrizes Inglesas no mobiliário português da segunda metade do século XVIII* (Tese Doutoramento, Universidade Católica Portuguesa, 2014), 104-105
- ³³ Portugal. Ministério das Obras Públicas, Comércio e Indústria, *Inquérito industrial de 1881: Districto Administrativo do Porto. Comissão Central Directora do Inquérito Industrial* (Lisboa: Imprensa Nacional, 1881), 257
- ³⁴ São vários os vocábulos para designar o artesão que executada a técnica de empalheirar, tais como: empalhador/empalhadeira, palheiroiro/palheiroira, oficial de palhinha, palhinha ou roteiro. Em Gondomar os vocábulos utilizados nas fontes foram o de “empalhadeira” e “palhinha”, enquanto na oralidade tem sido utilizado simplesmente o vocábulo “palhinha” para designar o ofício e a técnica.
- ³⁵ Registos paroquiais Valbom, *Registo de batismo n.º 286*, 1907, disponível em *Tompo.pt* <https://pesquisa.adporto.arquivos.pt/viewer?id=1552292>
- ³⁶ Registos paroquiais Valbom, *Registo de batismo n.º 72*, 1909, disponível em *Tombo.pt* <https://pesquisa.adporto.arquivos.pt/viewer?id=1552296>
- ³⁷ Registos Paroquiais Valbom, *Registo de óbito n.º 144*, 1908, disponível em *Tombo.pt* <https://pesquisa.adporto.arquivos.pt/viewer?id=1552371>
- ³⁸ Registos Paroquiais Valbom, *Registo de casamento n.º 9*, 1900, disponível em *Tombo.pt* <https://pesquisa.adporto.arquivos.pt/viewer?id=468589>
- ³⁹ Registos Paroquiais Valbom, *Registo de casamento n.º 13*, 1908, disponível em *Tombo.pt* <https://pesquisa.adporto.arquivos.pt/viewer?id=1552352>
- ⁴⁰ Termo linguístico local utilizado nas oficinas para designar um “empregado inexperiente”.
- ⁴¹ Termo linguístico local para designar um produto que tem de ser concluído.
- ⁴² Termo linguístico local para designar a técnica de empalheirar.
- ⁴³ James Phillips, *Medical botany*, (London, Printed and sold for the author by James Phillips, 1790-1793), 474
- ⁴⁴ James Phillips, *Medical botany*, (London, Printed and sold for the author by James Phillips, 1790-1793), 474
- ⁴⁵ Termo utilizado em Gondomar para designar o utensílio sovela.
- ⁴⁶ Termo utilizado no Brasil para designar o utensílio sovela.
- ⁴⁷ Henri Clouzot, *Archives de l'amateur et du professionnel: Les meubles du XVIIIe siècle*, (Paris: A. Morancé, 1922), 103
- ⁴⁸ Fernanda Castro Freire, et al, *Mobiliário. Móveis de Assento e de Repouso*, Vol. I (Lisboa: Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva, 2001), 30
- ⁴⁹ Denis Diderot and D. Alembert, *L'Encyclopédie. Ébéniste, meubles et voitures: de planches sur les sciences, les arts libéraux et les arts mécaniques* (Inter-Livres, 1751-1780).
- ⁵⁰ L. Day Perry, *Seat weaving*, (Peoria, III.: The manuela arts press, 1917), 11
- ⁵¹ Henri Clouzot, *Archives de l'amateur et du professionnel: Les meubles du XVIIIe siècle*. Paris: A. Morancé, 1922
- ⁵² Hobby, *Como se estereilla sillas. Una manualidad fácil, util y económica*, Hobby, s/d, 263-264 <http://www.comohacer.info/DESCARGAS/sillas-esterillado0001.pdf>
- ⁵³ Esta quantidade e custo dizem respeito a um estabelecimento comercial em Paços Ferreira que vende a palhinha da Índia, entre outros utensílios e ferramentas. Esta informação foi adquirida em conversa com a empalhadeira gondomarense Maria Isabel em 2020.